

Manuscritos e autógrafos do RGPL: observação do acervo como fonte de pesquisa sobre relações luso-brasileiras

Sonia Monnerat Barbosa

Este texto, cuja primeira versão remonta a uma comunicação lida em Painel Integrado do Colóquio “Relações Luso-Brasileiras: enlacs e desenlacs”, realizado em abril de 2002, tem como objetivo central informar sobre os trabalhos iniciais do Núcleo “Manuscritos e Autógrafos” do Pólo de Pesquisas sobre Relações Luso-Brasileiras do Real Gabinete Português de Leitura, compreendendo, no entanto, observações que ainda não tinham sido feitas à época do encontro porque resultantes do contato com alguns textos que só foram organizados no período dos seis meses a ele subseqüentes.

Uma das expectativas decorrentes da apresentação de alguns dos resultados já obtidos no processo de catalogação do acervo desta centenária casa de leituras é reunir, na esfera dos estudos luso-brasileiros polarizados em seu Centro de Estudos, a comunidade acadêmica de pesquisadores de manuscritos que manifestem interesse em fontes pertencentes à instituição.

A título de preâmbulo e com o intuito de situar pesquisadores de diversas áreas do conhecimento no que concerne à organização do Núcleo “Manuscritos e Autógrafos” e dos trabalhos por ele desenvolvidos, cumpre dizer que é, junto a outros Núcleos temáticos, iniciativa do Centro de Estudos desta instituição, tendo na pessoa de sua Diretora, a Prof^ª. Dr^ª. Gilda Santos, a responsável direta pela idealização, funcionamento e coordenação integradora do Pólo de Pesquisas sobre Relações Luso-Brasileiras. Sendo o Real Gabinete Português de Leitura detentor de uma das mais preciosas bibliotecas do país, pode-se entender que as nucleações de pesquisadores que abriga têm à sua disposição e podem beneficiar-se, para além de outras, das fontes existentes

em seu vastíssimo acervo. Quanto ao Núcleo que se reuniu em torno da proposta de estudos na área de investigação de “Manuscritos e Autógrafos”, é bom esclarecer que foi abraçando um projeto de trabalho estritamente relacionado às obras e documentos de seu próprio fundo de fontes dessa natureza, um fundo com grande diversificação quanto aos gêneros de materiais textuais congregados e quanto às épocas de que são provenientes – incluídos itens datados do século XVII ao XX – estando longe de se poder inferir que todo o conjunto teria interesse para a produção de conhecimentos no campo de estudos luso-brasileiros. Todavia, o primeiro projeto encetado pelo Núcleo não poderia deixar de lado o conhecimento da totalidade da documentação manuscrita existente, buscando sua descrição e disponibilização sob forma de planilha eletrônica, para que, em um segundo momento, fosse possível delimitar projetos específicos, incluídos aqueles que, no interior do próprio Pólo de Pesquisas, tenham por objeto relações luso-brasileiras.

Em 2002, no Colóquio “Relações Luso-Brasileiras: enlaces e desenlaces”, com poucos meses de iniciado o trabalho de levantamento, e muito longe de termos uma visão abrangente do acervo, foram expostas, em mesa, além de uma apresentação do grupo e de seu projeto inicial de pesquisa, duas contribuições descritivas e especulativas sobre manuscritos do arquivo do RGPL, uma sobre um texto que integra o especialíssimo conjunto de correspondência camiliana e outro sobre um documento da Inquisição portuguesa datado do século XVII. Ambas as comunicações podem ser identificadas como frutos do estágio dos trabalhos do Núcleo à época: por um lado voltados para o conhecimento do material e indagação sobre seu interesse, por outro dirigidos a uma sistematização descritiva desse conhecimento, traduzindo-o em fichas eletrônicas com vistas a permitir a classificação do acervo e a recuperação de informações a ele referentes segundo diferentes critérios de indexação, tais como datação, local de procedência, autoria, palavras-chave, natureza e estado do suporte material etc.

Devo explicar, sobretudo àqueles que não participaram do Colóquio, que minha presença naquela mesa e ainda hoje à frente da Coordenação do Núcleo “Manuscritos e Autógrafos” tem uma história que deve ser lembrada. Em 24 de abril de 2001, atendendo a um convite da Prof^a. Dr^a. Gilda Santos, professores e pesquisadores de diversas áreas do conhecimento começamos a nos reunir nesta casa, estabelecendo perspectivas de trabalho em torno

de Núcleos, sendo a organização de um Colóquio e a publicação de suas Atas em volume da *Convergência Lusitana* dois desdobramentos exitosos resultantes da criação do PPRLB, atestando sua existência como verdadeiro pólo aglutinador de um conjunto muito significativo de pesquisadores que desenvolvem investigações sobre Relações Luso-Brasileiras. Durante o primeiro ano de trabalhos, o Núcleo “Manuscritos e Autógrafos”, contando, na primeira hora, com o apoio e assessoramento técnico de Ana Virgínia Pinheiro (da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro e da UNIRIO), passou pelo momento em que se estruturou, sob coordenação do Prof. Dr. Ronaldo Menegaz, da Fundação Biblioteca Nacional, acompanhado pela Prof^a. Dr^a. Gilda Santos, cabendo a mim substituí-lo, a partir de janeiro de 2002, quando as múltiplas obrigações do professor levaram-no a afastar-se da função. Facilitando o desempenho da tarefa, para além da experiência que adquiri em longa pesquisa com manuscritos literários do século XIX, continuávamos a contar, sempre, com o acompanhamento da Coordenadora Geral do PPRLB, possuidora de um conhecimento do acervo anterior à própria constituição do Núcleo, tendo ela estado presente a todas as reuniões, dividindo responsabilidades e sugerindo orientações criteriosas. Somado a isso, o êxito dos primeiros passos de nossa equipe deveu-se à colaboração de pesquisadores que, independentemente de se encontrarem em etapas mais ou menos avançadas de suas carreiras, vêm participando de forma competente e interessada, como foi o caso dos jovens, mestre e graduanda, Ricardo Joséh Lima e Fabiana Pinho, responsáveis pela comunicação referida que teve por objeto um manuscrito inquisitorial, ou da experiente pesquisadora Prof^a. Dr^a. Ida Maria Ferreira Alves, da Universidade Federal Fluminense, que apresentou interessante exposição sobre matéria referente a Camilo Castelo Branco e a quem devemos a existência e implementação do projeto das planilhas eletrônicas para classificação do material manuscrito – consideradas base experimental para a continuação do trabalho –, na busca que empreendemos, ao longo do tempo, de aperfeiçoamento de critérios, indagando, por exemplo, sobre uma possível inclusão de diferenciados elementos descritivos dos documentos que possibilitassem o atendimento da exigência de múltiplas entradas para acesso, pelos pesquisadores interessados, às informações a eles necessárias.

Feitos esses esclarecimentos de caráter geral, estão também entre os objetivos desta exposição traçar uma curta descrição das tarefas que têm ocupado

os pouco numerosos membros do grupo que vem se reunindo em torno do acervo de Manuscritos e Autógrafos do Real Gabinete Português de Leitura, destacando, de forma não sistemática, exemplos da variedade do material, até o momento, já examinado, para, a seguir, em termos mais específicos, fazer observações sobre a potencialidade de documentos aqui existentes serem recuperados como fontes de pesquisa – especialmente aquelas que possam contemplar o estudo de relações luso-brasileiras. Entendendo que, após estarem concluídas, competentemente, ordenação, classificação e indexação do conjunto de manuscritos e autógrafos do Real Gabinete Português de Leitura, assim como ajustadas todas as providências materiais para sua conservação – tarefas que pretendemos levar a termo como equipe e contando com a assessoria conveniada de profissionais e instituições que possam colaborar para a obtenção de resultados finais condizentes com padrão de qualidade inquestionável, poderemos, então, disponibilizar os resultados do trabalho para a consulta por pesquisadores, no Brasil e em Portugal, e ainda em outras partes, tendo criado um instrumento seguro de consulta, o primeiro – já que, por ora, o RGPL não dispõe de nenhum acesso codificado para localização de fontes pelos interessados, o que, e isto é nossa expectativa, deverá contribuir tanto para a divulgação de materiais raros e pouco estudados, como para a redução do tempo de manuseio dos documentos, favorecendo sua preservação.

Após ter evidenciado os propósitos gerais do trabalho do projeto inicial do Núcleo e embora não se exclua o intuito de aprimorar, em alguns campos, os instrumentos em uso para sua obtenção, cabe situar tarefas concluídas e em realização que já possibilitam fazer uma descrição preliminar de parte do acervo de Manuscritos e Autógrafos desta instituição.

Os primeiros passos no trabalho de reconhecimento do acervo foram ritmados pelo confronto, caixa a caixa, dos documentos manuscritos não encadernados – aliás conservados junto a material de diversa natureza. Por muito tempo estiveram esses documentos acondicionados em estojos construídos à imitação de livros, com lombadas em couro azul e inscrições em douradura, em dois tamanhos (impondo aos suportes de maior extensão a realização de dobras). Nesta ilusória coleção de obras impressas célebres, pois as caixas eram simulacros de obras de cuidada encadernação, guardadas em estantes de portas envidraçadas, foi possível verificar que cada documento apresentava um código alfa-numérico, indicativo, em sua parte alfabética, da caixa/volume em que era conservado (cada caixa correspondendo a uma letra, de

A a S), sendo a parte numérica, referente à ordem do documento na caixa, em escala crescente de numeração.

Uma verificação cuidadosa levou-nos a perceber que na mesma estante estavam reunidos, todos encadernados com lombada em couro, junto a coleções impressas, outros textos manuscritos de origem e temáticas diversas, podendo ser dado o exemplo de uma coleção de Editais, procedente de Portugal, contendo documentos cujas datações antecedem a independência da antiga Colônia, não tendo nosso trabalho de registro chegado à consideração, em pormenor, da totalidade desses numerosos volumes. Nesse também diversificado conjunto de manuscritos encadernados, há, inclusive, cópias à mão de obras anteriormente impressas, denotando um campo fértil para a pesquisa de práticas de leitura e circulação escrita do conhecimento, especialmente identificáveis em textos copiados para estudo, como é o caso do interessante conjunto que pertenceu a Bernardo de Oliveira Pacheco Silva, com datas do início do século XIX, época em que o referido proprietário era cirurgia praticante em um hospital na cidade de Braga. Entre poesias em português, tratado militar em alemão, obra de geometria em francês, estudo filosófico em latim, compêndio de assunto religioso em espanhol, os manuscritos encadernados, tal como ocorre com os que encontramos conservados em caixas, bem fazem vislumbrar, para além do campo de pesquisas sobre temática luso-brasileira, o interesse que o acervo do Real Gabinete pode despertar em estudiosos de variadas áreas acadêmicas.

Um outro exemplo de manuscrito, não conservado encadernado ou sob as falsas encadernações dos volumes que encontramos ordenados pelas letras A a S, é o do “Autographo de Gonçalves Dias / Dicionario da lingua tupy”, conforme pode ser lido em uma das fichas de cartolina superpostas ao material por elas identificado. Junto a essa e a outra ficha, que registra a doação feita ao Real Gabinete ainda no século XIX (em 1874, “pelo médico brasileiro, Dr. Ataliba de Gomensoro”), dentro de uma caixa de madeira de 44,5 x 17,3 x 8,5 cm., com tampo superior de vidro emoldurado, fechada por pequena chave, está guardado o texto escrito com tinta preta, hoje esmaecida, pela pena de Gonçalves Dias em folhas sem pauta, estreitas e compridas, muitas mantendo emendas, até hoje bem coladas, mas nem todas perfazendo o mesmo comprimento. As folhas que, em parte, constituem tiras soltas, mas em parte ainda se exibem como “cadernos” de cinco folhas longitudinalmente dobradas ao meio, têm a largura de 11 cm. e são numeradas, com pequenos algarismos, no canto supe-

rior direito, estando, todavia, apagada essa numeração, supostamente pelo manuseio, até a de número 15, todas essas renumeradas, ao centro e a lápis, com escrita de talhe diverso.

Junto aos manuscritos, dentro de “caixas-livros”, encontramos entre tantos outros materiais arquivados, recortes de periódicos; iconografia variada – como fotografias ou gravuras; cartões de visita impressos sem qualquer anotação; reprodução fotocopiada de manuscritos, como é o caso de um soneto da lavra do Imperador Pedro II, dirigido a Camilo Castelo Branco.

Se, na primeira caixa, identificamos uma seqüência de manuscritos cuja referência é o próprio RGPL, incluindo questões atinentes ao prédio-sede, como a documentação sobre a cessão de sua “pena d’água”, nem sempre foi possível perceber a ordem que teria presidido a reunião dos papéis num mesmo “livro”. Podendo interessar a investigadores da própria história desta instituição, há que destacar a existência de copiosa documentação sobre administrações do Gabinete, incluindo a absorção por ele, de outra entidade associativa da comunidade portuguesa no Brasil.

Uma informação que, é bom que se diga, na maior parte dos casos, parece não existir é a memória da forma de entrada dos documentos no acervo. Não podemos saber (pois até agora não foram encontradas pegadas) por que caminhos, através de que relações luso-brasileiras, e em que época, veio a ter a esta parte um documento datado de 1653, que preserva o sinal, cunhado em metal, de “INNOCENTIVS, PAPA X”.

Dentre tudo o que já vimos, há textos diretamente relacionados ao Brasil, como o mencionado autógrafo de Gonçalves Dias, cuja primeira edição, tirada em Viena, foi acompanhada pelo poeta, em 1857, conforme esclarece seu “Prefácio”, o qual, apesar de não constar dos originais manuscritos guardados na caixa com tampa envidraçada, ajuda a entender não só a natureza do trabalho produzido, mas também a relação mantida pelo autor com o próprio manuscrito:

Encarregado ha algum tempo pelo Instituto Historico e Geographico Brasileiro de apresentar-lhe uma Memoria acerca dos nossos Indigenas, tive de occupar-me com especialidade dos que habitavão o litoral do Brazil, quando foi do seo descobrimento, os quaes por esse factõ forão os primeiros que se acharão.

Cabia-me tratar dos caracteres intellectuaes e moraes dessas tribus; esse trabalho porém não podia ser feito senão com o estudo previo da lingua que elles fallavão, da qual tantos vestigios se encontrão, que não é de presumir que elles tenham em algum tempo de desaparecer completamente de nossa linguagem vulgar, nem mesmo da scientifica.

Appliquei-me pois a esse estudo, e conquanto não fosse minha intenção demorar-me nisso muito, achei-me no fim de algum tempo com grande numero de notas, algumas das quaes me não parecerão sem importancia; mas essas notas, na confusão em que eu ainda as tinha, de nenhum proveito seriam para outros, e para mim mesmo de bem pouco me servirão. Foi-me por tanto preciso organisal-as, e, concluido o trabalho da coordenação, me achei com o dictionario, que agora dou à estampa. (...)

Para que o trabalho nos sahisse menos incompleto, bem sei que devera ter feito outras e mais largas confrontações; mas na actualidade falta-me para isso tempo, nem me permite esperar, o receio de perder um Manuscripto, que me representa o emprego de tantas horas. (...)

Há outros textos, portugueses, mas para cá enviados diretamente, como é o caso de correspondência de Guerra Junqueiro, ou de seu representante comercial português, recebida, no Rio de Janeiro, pelo livreiro Garnier, a propósito da venda de *Os simples* – neste caso, o conjunto de manuscritos fica suficientemente esclarecido por nota, não assinada, no envelope da doação:

“Noras e correspondência do grande poeta Guerra Junqueiro, com meu pai, para lançamento e venda no Brasil dos ‘*Simples*’ (em 1892)”.

Ainda sobre correspondência de outro escritor português do século XIX com que conta o acervo, repassamos o pequeno volume em que estão encadernadas 21 cartas de Camilo Castelo Branco, variadas quanto a intenções e tamanhos, e dirigidas a mais de um correspondente, antes pertencentes à “Collecção Elysio de Carvalho”, constituindo esse conjunto alvo dos interesses de vários estudiosos da obra camiliana.

No que se refere à memória da circulação dos textos, não é sempre, já dissemos, que se pode saber quem reuniu ou quem doou textos de Gonçalves Dias, de Guerra Junqueiro ou de Camilo, mas temos consciência de que somente a identificação de menções a essas pessoas, talvez, em alguns casos, encontráveis em textos de Relatórios publicados pelo Real Gabinete Portu-

guês de Leitura ou em documentos de outra ordem, farão avançar na direção do preenchimento dos incipientes registros dos depositários anteriores dos manuscritos hoje encontráveis no RGPL.

Ainda no campo literário, surpreende encontrar como signo dos circuitos brasileiros de leitura do escritor português Eça de Queiroz na caixa “Q”, um envelope do Real Gabinete Português de Leitura, com sobrescrito datilografado:

“Autógrafo de uma página de ‘A cidade e as serras’
de Eça de Queiroz
Oferta do Sr. Raul Reis Lelo”,

contendo uma folha, numerada à direita 56, com grandes margens que, é possível supor, foram deixadas para correções e acréscimos. Podemos supor que sua indexação e divulgação, aliás já noticiada através da reprodução fac-similar do fragmento em número da revista *Convergência Lusitana*, certamente permitirão suprir a falta que esta pequena porção, fora de um conjunto, pode estar fazendo a pesquisadores do manuscrito queiroziano. A constatação da presença de textos como esse desta página 56, por menos indícios que forneça, dá idéia de uma prática material da relação entre leitores e texto, hoje não muito difundida, com destaque para o traço do autor, menos como objeto de estudo que por se tratar de objeto de culto em arquivos e museus. No caso em questão, não importa que se trate de uma documentação fragmentária, apenas uma página manuscrita: sua indexação – assim como de outros fragmentos de natureza correlata – poderá garantir que as informações contidas em nosso instrumento de divulgação do acervo permitam, a pesquisadores interessados, recompor, virtualmente, conjuntos de manuscritos desfeitos pelo autor ou por terceiros, incluindo os acervos de correspondência passiva de significativos autores.

Ainda no exame do acervo de Manuscritos e Autógrafos do RGPL, – e aqui só cabe dar alguns exemplos para caracterizar diferentes situações que convidam a pesquisas – pudemos encontrar elementos que atestam, para além da origem portuguesa de muitos dos documentos, – e a par da origem brasileira de outros – ser a sua investigação atinente ao estudo de relações luso-brasileiras. É nessa direção que, num segundo momento, caminha o Núcleo de estudos de “Manuscritos e Autógrafos”. Como prevê sua ementa, pretende este Núcleo desenvolver os objetivos gerais do Pólo de Pesquisa

sobre Relações Luso-Brasileiras (PPRLB) e constituir-se como um espaço de ampliação do conhecimento a partir de fatores documentais que possam testemunhar múltiplos aspectos do diálogo entre Brasil e Portugal.

A princípio, poucos dos manuscritos já mencionados parecem destacar-se como diretamente afeitos aos interesses de estudo priorizados por Núcleos do Pólo, à exceção de correspondências trocadas entre escritores, entre escritores e livreiros, entre escritores e leitores, quando estavam uns em Portugal e outros no Brasil. Estas podem ser reivindicadas, algumas para estudos dos pesquisadores da “Literatura Portuguesa no Brasil”, outras para estudos sobre “Publicações e Leituras”.

Não seria sem razão enfatizar que o “dossiê” relativo aos *Simples*, de Guerra Junqueiro, poderia ser examinado quer no que concerne à dimensão do “preço da leitura” (incluindo discriminação de números de exemplares e respectivos valores para venda em consignação, impostos, selos, direitos de agência, taxas alfandegárias, questões de lucro e de concorrência), para retomar aqui a expressão-título da recente obra de Marisa Lajolo e Regina Zilberman, a qual traz acoplada a explicitação “leis e números por detrás das letras”, quer no que concerne às possibilidades de revelação de procedimentos diferenciados (relativos a presença/ausência de censura) em praças comerciais como Bahia e Rio de Janeiro, a partir, especialmente, da seguinte e preciosa referência, datada do Rio, a 25 de janeiro de 1893:

Nota

Os 100 volumes vendidos por 1500 foram devolvidos da Bahia por não ter sido possível a venda naquele estado: foram vendidos por ultimo. Como ja tive ocasião de dizer, a venda destes livros teria sido melhor se não tivessem chegado muitos exemplares para os principaes livreiros daqui.

As coleções que documentam a presença de imigrados também podem resultar em fonte para um fecundo campo de estudos que integra o PPRLB, no Núcleo “Migrações e Exílio”. Um exemplo poético sugestivo e fora das dimensões do cânone literário foi identificado em um caderno manuscrito de poemas dos “alunos do Collegio Perseverança” (da década de 60 do século XIX), de propriedade de António José Pinto, contendo, ao lado de “estudantadas” despropositadas, a “macarrônica” (se assim podemos denominar, livremente, por extensão de sentido) que mimetiza com humor o falar regional de um

“patrício” do norte de Portugal comemorando um ano de estada no Brasil, como abaixo reproduzimos:

Versos

(Inspirados por um patricio patusco e bem fallante
no dia anniversario de seu desembarque.)

O'ra *'sta tchegando* o dia
Em *qu'eu bindo* prazenteiro
Lá do Porto, aqui *tcheguei*:
Eu *tchorando* d'alegria,
N'estro Rio de Janeiro
Afimal *desimbarquei*!

Haija por isso *festança*:
Em signal de *regogijo*
Darei *bibas* ao prazer!
Mostrarei a minha *tchança*...
E *p'ra hoje andar mais rijo*,
Auga não quero *veber*!

Bou mandar *bir* o *Duraco*
P'ra tocar gaita ou *rabumbo*;
Como é certo ali, *antão*,
Star tapando algum buraco,
Aquella *tchapa* de *tchumbo*,
Que *'stá tchapada* no *tchão*!

Um dia não são *dibersos*:
Bestido qual *Bonecrinho*,
Passarei o dia assim!
Faça o poeta alguns *bersos*
Q' eu bebo uns cinco de *binho*
À saúde do *Pin – Pin*!

Mas, depois desse registro de uma poesia que explora diferenças sócio-culturais sentidas por portugueses chegados no Brasil no século XIX, ainda queremos voltar, no mesmo século, e a propósito de seu possível interesse

para o campo de pesquisas luso-brasileiras, a Gonçalves Dias e ao autógrafo do *Diccionario Tupy*. Este manuscrito, que pode parecer um material sem muita serventia para estudos dessas relações, já demonstra em alguns de seus verbetes que, embora o foco indicado no “Prefácio” fosse a língua que falavam as tribos com que fizeram contato os primeiros colonos portugueses, suas fontes de pesquisa contemplam material heteróclito, o qual, talvez, ainda possa apresentar interesse em ser colacionado para avaliar as soluções dadas pelo poeta romântico, optando por lições passadas ou apresentando formulações diferenciadas. Para além de podermos perscrutar verbetes caros à própria produção poética do autor, como

“PYRÁMA, nota do supino passivo. *Y - juca - pyrama*, para se matar; cousa que hade ser morta e que é digna de ser morta”;

podemos acompanhar, do ponto de vista da formação de palavras, e no exame do registro de procedimentos híbridos, marcando o espaço de trocas lingüísticas de dois distintos sistemas em contato:

PUPUNHEIRA (eira – desinência portuguesa), palmeira, cujos frutos se comem cosidos. “Um dos signaes de haver povoações, quando se viaja, é em se avistando ao longe as ditas pupunheiras, por serem das primeiras plantas, que se costumão plantar nos estabelecimentos de povoações, de fazendas, e das casas dos mesmos lavradores, e isto, tanto pela sua formosura e extraordinaria altura, como pela essencial utilidade de lhe comerem os fructos.” *A. R. Ferreira*

Ou ainda, as bases de uma construção lingüística provinda da troca entre índios e não-índios, notadamente marcada pelos signos de difusão de uma cultura de matriz européia, domesticada pelo credo cristão.

TUPAN e TUPANA, Deos, trovão, a hostia depois de consagrada.

TUPAN BERÁB, relampejar

TUPAN BERABA, relampago

TUPAN IANDE RECO BEBÊ MEÉNGÁRA, Deos vivificador

(...)

TUPAN NEÉNGA, evangelho

(...)

TUPAN OATÁ, procissão
TUPAN ÓCA, igreja
TUPAN ÓCA MERIM, oratório

Devemos interromper esta exposição, depois de passarmos sistematicamente por alguns casos já anotados no atual estágio de nossos trabalhos, e buscarmos, sistematicamente, indagar as direções das investigações desenvolvidas pelo Núcleo “Manuscritos e Autógrafos” – tanto no cumprimento de etapas de um projeto de classificação e indexação do acervo, com vistas à divulgação, à comunidade de pesquisadores, do instrumento, para tais fins criado, quanto no favorecimento de subseqüentes utilizações de fontes do RGPL para, a partir de pesquisas, ampliar conhecimentos que possam testemunhar diferentes aspectos das relações entre Brasil e Portugal.

Dentre os objetivos com que contávamos desde o início das notícias que este texto traz, mas que só agora ousamos claramente enunciar – com a pretensão de os termos, em alguma medida, atingido –, está o de provocarmos curiosidade passível de ser convertida em buscas científicas em torno de fontes, de diversa procedência e datação, conservadas nesta casa. Pensamos, concretamente, na realização, no âmbito do PPRLB e da comunidade, mais ampla, de estudiosos de manuscritos, de pesquisas que venham a ser desenvolvidas por alguns dos leitores ou por outros pesquisadores que – através de consulta ao instrumento de divulgação que estamos constituindo para classificação e indexação dos Manuscritos e Autógrafos do acervo do RGPL – passem a ter conhecimento de documentos existentes nesta instituição e deles se aproximem, tomando-os como fonte de investigação em suas respectivas áreas de trabalho acadêmico.